

RUA OTONIEL MOTA

Lei nº 2512 de 15-06-1961

Formada pela rua 3 do Jardim Leonor

Início na rua Nicolina de Assis

Término na rua Dr. Celso da Silveira Rezende

Jardim Leonor

Obs.: Lei promulgada pelo Prefeito Municipal de Campinas Miguel Vicente Cury.

OTONIEL MOTA

Otoniel de Campos Mota nasceu em Porto Feliz, a antiga Ararita-  
guaba, em 16-abril-1878 e faleceu em São Paulo em 14-agosto-1951. De  
pois dos primeiros estudos realizados em sua terra natal, frequentou  
os cursos preparatórios à Faculdade de Direito em São Paulo e formou  
se em Teologia no Seminário Presbiteriano. Lecionou nos ginásios ofi-  
ciais de Campinas e Ribeirão Preto e na Faculdade de Filosofia, Ciên-  
cias e Letras da Universidade de São Paulo. Em Campinas, Otoniel Mo-  
ta foi lente catedrático da cadeira de Português no então Ginásio Es-  
tadual "Culto à Ciência". Iniciou seu ensino nesse tradicional esta-  
belecimento em 1914, com notável aproveitamento de seus alunos, haven-  
do deixado o cargo, em 1925, por haver permutado a cadeira com o pro-  
fessor Benedito Sampaio, que exercia igual função no ginásio de Ri-  
beirão Preto. Durante o tempo que residiu em Campinas, o professor O-  
toniel, na qualidade de Ministro Evangélico que era, pastoreou a Igre-  
ja Presbiteriana Independente de Campinas, quando a mesma se localiza-  
va à rua Luzitana. Otoniel Mota exerceu ainda, o cargo de diretor da  
Biblioteca Pública de São Paulo. Constituindo-se num dos mais proemi-  
nentes cultores da língua pátria, legou vasta obra literária e didáti-  
ca, onde se destacam os seguintes trabalhos: "Ensaio Linguísticos",  
"Lições de Português", "O Meu Idioma", "Comentário aos Lusíadas", "Co-  
mentário às Geórgicas de Virgílio", "Seleta Moderna", "Chave da Lín-  
gua", "O Lirismo Grego", "O Amor que Santifica", "Selvas e Choças",  
"Israel, sua Terra e seu Livro", "Anotação ao livro Atos dos Aposto-  
los", "O Pronome SE", "A Evolução do Gerúndio", "O Evangelho de S.Ma-  
teus", "Horas Filológicas" e uma quantidade de opúsculos e artigos  
distribuídos em jornais e revistas.

RUA OTONIEL MOTA



**LEI N.º 2512, DE 15 DE JUNHO DE 1961  
 DÁ O NOME DE OTONIEL MOTA A UMA RUA DA  
 CIDADE**

A CÂMARA MUNICIPAL DECRETA E EU, PREFEITO DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS, PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Artigo 1.º — Fica denominada Otoniel Mota a Rua 3 do Jardim Leonor; que tem início na Rua 17 e termina na confluência com a Rua 6.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 15 de junho de 1961.

**MIGUEL VICENTE CURY  
 PREFEITO MUNICIPAL**

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal, em 15 de junho de 1961.

**DR. PLÍNIO DO AMARAL**  
 Respondendo pelo cargo de Diretor  
 do Departamento do Expediente

## RUA OTONIEL MOTA

Otoniel de Campos Mota - Foi leñte do Ginásio Estadual "Culto à Ciência", ocupando a cadeira de Português. Vinha lecionando ali desde 1914, com notavel aproveitamento de seus a lunos.

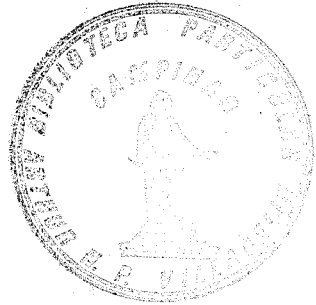
Deixou o exercício do cargo local, em 1925, por haver permutado a cadeira com o prof. Benedito Sampaio, que exercia igual função no Ginásio de Ribeirão Preto.

Conhecedor profundo da língua pátria, deixou diversas obras didáticas de reconhecido valor.

Durante largos anos, pastoreou a Igreja Presbiteriana Independente desta cidade, como Ministro Evangélico que era.

(Extraído de fls. 47 de "Antologia da Poesia Campineira, de autoria de Edmo Goulart, editada em Campinas, em 1971).

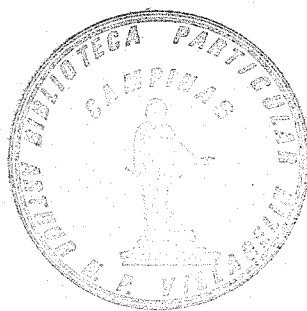




### Otoniel Mota



NO dia 16 de abril de 1878, nasceu em Porto Feliz o professor Otoniel de Campos Mota, falecido em São Paulo a 14 de agosto de 1951. Estudou no Curso Anexo à Faculdade de Direito, nesta capital, e depois no Seminário Teológico Presbiteriano. Dividiu suas atividades entre o magisterio e o pastorado evangelico. Lecionou nos ginasios de Ribeirão Preto e de Campinas. Foi diretor da Biblioteca Publica de São Paulo. Publicou varias obras de caracter didatico, especialmente comentarios e estudos filologicos, e tambem trabalhos de cunho religioso. De suas obras, destacamos: edição escolar de "Os Lusíadas", "A Chave da Língua", "Seleção Moderna", "Comentarios às Georgicas de Virgílio", "Anotações ao Livro dos Atos dos Apostolos" e "A Epistola a Filemon".

**OTONIEL MOTTA**

O professor e teólogo Ottoniel Motta, um dos mais proeminentes cultores da língua pátria, nasceu em Porto Feliz, a antiga Araritaguaba, aos 16 de abril de 1878. Depois dos primeiros estudos realizados na terra natal, frequentou os cursos preparatórios à Faculdade de Direito em São Paulo e formou-se em Teologia no Seminário Presbiteriano. Lecionou nos Ginásios oficiais de Ribeirão Preto e Campinas e na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Exerceu o cargo de diretor da Biblioteca Pública de São Paulo. De sua obra literária e didática destacam-se os seguintes trabalhos: "Ensaíos linguísticos", "Lições de Português", "O meu idioma", "Comentário aos Lusíadas", "Comentário às Geórgicas de Virgílio", "Seleção Moderna", "Chave da língua", "O lirismo grego", "O amor que santifica", "Selvas e choças", "Israel, sua terra e

seu livro", "Anotação ao livro Atos dos Apóstolos", "O pronome SE", "A evolução do gerúndio", "O Evangelho de S. Mateus", "Horas Filológicas", e um quantidade de opúsculos e artigos distribuídos em jornais e revistas.

("O ESTADO DE S. PAULO"  
DE 16 ABRIL-1969)

1-4-1956

## OTONIEL MOTA

— Clóvis Teixeira —

Se nos fosse dado receber algo milagroso... antes de deixarmos este mundo, pediríamos simplesmente isto: poderíamos viver, outra vez, durante uma semana, dias iguais aos daqueles que viveramos na juventude, perseguindo a sempre saudosa, amiga, leal, distinta e hospitaleira família Otoniel Mota. Perseguido, escrevemos... Perseguido, é, realmente, o termo fiel à realidade dos fatos...

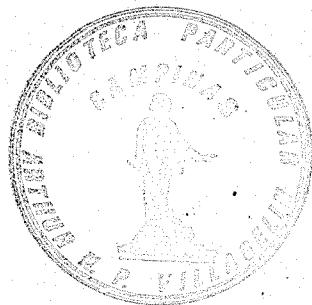
Nós conhecemos, ou, mais acertadamente, nós nos intrometemos naquêlles lar feliz, refúgio de bondade, quando fomos incumbidos, pela nossa saudosa mãe, de receber do Reverendo Otoniel Mota o presente esplêndido, que generosamente nos prometera, de um futuro galo da raça "Leghorn Branca": franguinho bem branquinho, todo empertigado, de crista e cáuda que constituíam vigorosa promessa de elegante "chantecler"...

Recordamo-nos, como se hoje fosse, de que a missão não foi lá muito "cauja"... embora se tratasse de frango... de graça. É que o Professor Otoniel Mota se esquecera de comunicar à sua gentilíssima senhora a atenciosa resolução de nos ofertar o Leghorn Junior. Mas, depois de teimosa insistência de nossa parte, insistência, essa, que nos revelou as nobres qualidades daquela inesquecível família, tudo se aciou... e Maria, a primogênita do fidalgo casal, nos ajudou a capturar o eugénico fruto de seleccionada criação. Num riço pega-pega, amenizado pelo cristalino riso da moçoila, deitámos as mãos ao "mocinho" arisco. E foi assim que passamos a ser feliz... "figura de toda hora" no lar do Reverendo Otoniel Mota, aos domingos, e no lar do Professor Otoniel Mota, nos dias de semana... Caspité!

Maria, Adelina, José, Emilia, Antônio e Gêrte, filhos obedientes, criaturas pelas quais sentíamos forte apego, cativos da irvulgar bondade, souberam até, na sua inata fidalguia, colocando-nos cada dia mais e mais à vontade, alimentar as nossas veleidades de artista de teatro... João Minhoca. Entre eles, demos largas ao nosso pendor artístico, melhor diríamos pendores, porquanto entramos a trabalhar, em se tratando de João Minhoca, na arte cênica, na arte do carpinteiro e na arte do escultor. O palco era um pobre monstrego cuja origem se perdia nos campos petrolíferos de Tio Sam — metamorfose, que era, de modesto caixão de querozêne "Texaco"... Cabeças de bonecos unham sua muita limpa procedência no cabo de vassoura. O guarda-roupa, feito a capricho, se devia à figurinista Maria...

Espetáculos se sucederam a espetáculos e os admiradores do João Minhoca tinham extremos de atenção para com o artista de porão... fornecendo-lhe colheradas de saudável mel quando a voz de farsête se fazia ouvir rouquenha, entrando em lamentável colapso. Grandes dramas, cenas cómicas, se iam misturando naquêlles teatro onde o trágico andava de braços dados com o burlêsco. Na residência do Professor Otoniel Mota, à rua Dr. Quirino, proximidades do antigo gazômetro, teve início o "notável" empreendimento artístico e, ora prestigiado, ora esquecido, o teatrinho João Minhoca deu seu espetáculo de despedida em prédio da rua Ferreira Penteado, no qual residiu o Professor e sua família até o último dia de sua permanência entre os campineiros, João Minhoca! Risos descuidados, farsas ingênuas, a vida a passar... rumo a realidades doces ou pungentes...

A arêia, na ampulheta do tempo, muitas, muitíssimas vezes, foi posta a escorrer... Eis-nos na redação da "Gazeta de Campinas", "bancando" o jornalista ao lado de Alvaro Vilageim, José Dias Leme, Jolunã Brito, e tantos outros. O telefone lilinta. Chamavam-nos de São Paulo. Quem seria? O, que agradabilíssima surpresa! Maria solicitava nossa presença em São Paulo, com passagem e hospedagem garantidas (o que era de suma importância para um pobre jornalista, isto é, jornalista...), a fim de darmos, em festinha beneficente, um espetáculo... de João Minhoca! Fomos, então, pressurosos, tomados de uma alegria verdadeiramente infantil, ao encontro do passado... Até hoje, quando nos recordamos do João Minhoca, o coração palpita como que exclamando: — O-bri-ga-do, o-bri-ga-do — Maria!



Cam

8 de Julho de 1956

## OTHONIEL MOTTA, QUE BUSCOU A DEUS

Todos paramos, de vez em quando, na vida, para os momentos de penetração no mais íntimo de nós mesmos. É a hora tremenda das interrogações, do dever e do haver, do olhar manso por sobre a vida e da certeza íntima de que não podemos fugir ao que somos. Deus está ali. Nós, nós também estamos ali: não como aquele que julgamos ser, nem como o outro que julgam sermos, — mas, como, na realidade somos, isto é, nós mesmos. Dir-se-ia que aonde quer que formos nos acompanha a grande Lente, a lente poderosa do olhar de Deus. Não adiantaria fugir e não queremos fugir. Do peito, numa sentida de profunda felicidade, voltamos a entoar a palavra do servo que cantou ao Senhor aquela cantiga sempre verdadeira porque universal e atual para todo o sempre, nos Salmos:

"Tu me sondas e me conheces: Tu sabes o meu assentar e o meu levantar..."

E aí, também, nesse "sanctum sanctorum" de nós mesmos é que desfilam aqueles que são nossos: "os nossos" não apenas segundo a carne e o sangue, mas aqueles cujas íntimas ondas do espírito são as mesmas que nos acalentam, que nos comovem, que nos ajudam na permanente escalada. Os nossos lá de dentro, não importa

aos homens o que sejam ou o que tenham sido: Deus e nós o sabemos. Sentimo-los e vivemos com eles naquela mesma comunhão que houve com Dante e Vergílio na caminhada do caminho estranho, ou que viveu com Davi e Jônatas, naquela história de doce amizade...

Penso sempre assim, por exemplo, de Othoniel Motta, aquele que tendo tido tantos louros na vida, tanto prestígio e tanta fama, nada mais quis senão ser um homem de Cristo para sempre e, de Cristo sendo, de todos os homens também.

Relembro-o aí, nesse recanto de profunda intimidade de mim mesmo.

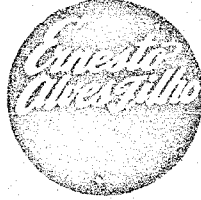
Não o relembro, porém, apenas, nestas linhas de hoje, como o professor e catedrático que tanta gente conheceu. Esse vive numa constância afetuosa no ânimo de quantos conviviam com ele. Ainda há anos, quando de sua morte, ouvi a um dos que foram seus alunos:

— Othoniel Motta... dêle guardo uma lembrança para sempre. Era aquilo mesmo para a gente guardar: austero no dever, ilibado, e uma face bafejada de misericórdia em tudo o mais...

Mas não é êsse. Relembro o homem apegado a Deus. O homem de Deus. Contemplo a fisionomia que sempre brilhava como a de Moisés após falar com o Senhor nas alturas das montanhas. O homem que falava lá, no mistério da fé, e que de lá saía refeito e puro para o silencioso caminho de turibulário da chama divina. Relembro o homem que tudo sacrificou ao eterno depósito, aquele que julgou a montanha transfigurante de Cristo como superior a todas as alturas. O mestre ilibado, o caráter e a misericórdia; a razão aguda e investigadora que tão incompreendido o tornou a dogmáticos e a cultores bem intencionados mas unilaterais da religião; o silêncio educado e cavalheiresco que marcou sua vida inteira; o comedimento e a parcimônia de todas as atitudes, a superioridade sem orgulho, — tudo isso Othoniel Motta retemperou e requintou lá em cima, quando, homem de Deus, subia para falar com Ele...

Ao comemorar-se, agora, o 30.º aniversário da obra presbiteriana em Campinas, Othoniel Motta teria que ser lembrado: pastor que foi nesta cidade, ali na Igreja Presbiteriana Independente da rua Luzitana, foi-o com todas as dignidades do homem que, estando em Deus, soube amar e querer bem para além dos dogmas e das confissões, soube testemunhar e trilhar, soube compreender e ser coluna, — um homem cujos anos e cuja memória ajudam a engrandecer o sentido de oitenta anos...

Os homens, no dia de hoje, não acreditam, mas o facto é que havia na face de Othoniel Motta aqueles profundos vincos da criatura que, como Enoch, perambulou com Deus...



Cam